

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE**

Priscila Ferraz Dias Barcelos

**A PALAVRA PELA ARTE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE ADOLESCENTE**

Belo Horizonte
2019

Priscila Ferraz Dias Barcelos

**A PALAVRA PELA ARTE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE ADOLESCENTE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Saúde do Adolescente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como parte do requisito parcial para a conclusão do Curso.

Orientadora: Dra. Patrícia Regina Guimarães

Belo Horizonte

2019

B242p Barcelos, Priscila Ferraz Dias.
A palavra pela arte [manuscrito]: relato de experiência com um grupo de adolescente. / Priscila Ferraz Dias Barcelos. - - Belo Horizonte: 2019. 40 f.

Orientador (a): Patrícia Regina Guimarães.
Área de concentração: Saúde do Adolescente.
Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Saúde do Adolescente. 2. Doença Crônica/psicologia. 3. Individualidade. 4. Psicologia do Adolescente. 5. Terapia pela Arte. 6. Pesquisa Qualitativa. 7. Dissertação Acadêmica. I. Guimarães, Patrícia Regina. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III Título.

NLM : WS 462

Bibliotecária responsável: Fabiene Letizia Alves Furtado CRB-6/2745



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

A PALAVRA PELA ARTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE ADOLESCENTE

PRISCILA FERRAZ DIAS BARCELOS

Monografia submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de SAÚDE DO ADOLESCENTE, como requisito para obtenção do certificado de Especialista em SAÚDE DO ADOLESCENTE, área de concentração SAÚDE DO ADOLESCENTE.

Aprovada em 04 de junho de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Profa. Patricia Regina Guimarães - Orientadora
UFMG

Profa. Cristiane de Freitas Cunha Grillo
UFMG

Profa. Thereza Christina Portes Ribeiro de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 04 de junho de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE

Nome: Priscila Ferraz Dias Barcelos

Título: A palavra pela arte: Relato de experiência com um grupo de adolescente

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Especialização em Saúde do Adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para conclusão do título de Especialista em Saúde do Adolescente.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dra. Patricia Regina Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dra. Cristiane de Freitas Cunha Grillo

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof^a. Thereza Christina Portes Ribeiro de Oliveira

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

A Prof^ª. Cristiane Cunha por abrir as portas e as janelas da sala. A Prof^ª. Patrícia pelo convite para tomar assento na cadeira no Arte na Espera e conversar. Ao Bebê Ulisses por encontrar comigo neste momento e que se nutriu desses saberes. A todas e a todos que encontrei na mesa artística e que deixaram o gosto das palavras e da arte na minha vida.

“Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho-, transmudou-se me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem”.

Fernando Pessoa (2016)

“Carrego meus primórdios num andor. Minha voz tem um vício de fontes. Eu queria avançar para o começo. Chegar ao criancamento das palavras. Lá onde elas urinam na perna...”.

Manoel de Barros (1996)

RESUMO

A adolescência se apresenta com as mudanças corporais decorrentes da puberdade, os embarços com a sexualidade, a intensidade de experiências e de sentimentos e em alguns casos com a vivência de doença crônica. As condições crônicas da doença como a infecção pelo HIV (Vírus da imunodeficiência humana) /Aids (Síndrome da imunodeficiência adquirida) trazem também efeitos subjetivos e remetem a uma nova relação de cuidado de saúde para o adolescente. Neste sentido, o presente trabalho se delineou com o objetivo de conhecer a metodologia do Projeto Arte na Espera aplicada em um Centro de Referência em que os jovens são convidados a experimentar a arte e conversar em grupo, bem como refletir em que a experimentação artística pode provocar no adolescente. O estudo ancorou na pesquisa qualitativa a partir da observação participante realizada semanalmente ao longo de um ano. E como registro para a análise utilizou-se o diário de campo. A realização deste Projeto tem se constituído uma alternativa no cuidado de saúde com a oferta de um espaço coletivo artístico de conversa sobre as questões da adolescência e da vivência com uma doença crônica. O estudo revelou que a intervenção artística tem funcionado como uma linha condutora e de suporte clínico aos adolescentes. A prática vivencial do adolescente com a arte tem fortalecido o exercício da palavra e o aparecimento da experiência, dando lugar à própria adolescência e produzindo novos sentidos no ato de fazer e de dizer de si.

Palavras-chave: Adolescência; Saúde; Doença crônica; Subjetividade; Arte; Grupo de adolescente

ABSTRACT

Adolescence presents with the changes of the body due to puberty, the embarrassment with sexuality, the intensity of experiences and feelings and in some cases with the experience of chronic illness. Chronic conditions of the disease such as HIV infection / AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome) also have subjective effects and refer to a new relationship of health care for the adolescent. In this sense, the present work was delineated with the objective of knowing the methodology of the Projeto Arte na Espera (*The Art in Waiting Project*) applied in a Reference Center in which the young people are invited to try out the art and to talk in group, as well as to reflect in which the artistic experimentation can tease in teenager. The study anchored in the qualitative research from the participant observation carried out weekly during a year. And as a record for the analysis the field diary was used. The realization of this Project has constituted an alternative in health care with the offer of an artistic collective space to talk about the issues of adolescence and living with a chronic illness. The study revealed that the artistic intervention has acted as a guiding line and clinical support for adolescents. The adolescent's experiential practice with art has invigorated the exercise of the word and the emergence of experience, giving place to adolescence itself and producing new meanings in the act of doing and saying of oneself.

Key Words: Adolescence; Health; Chronic disease; Subjectivity; Art; Adolescent Group

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 Adolescência: travessia inventada por cada um.....	12
2.2 Adolescer com uma doença crônica e com HIV/Aids.....	14
2.3 O enlace da arte e da palavra na saúde: a experiência do fazer e do inventar.....	17
3 OBJETIVO.....	19
3.1 Objetivos Específicos.....	19
4 METODOLOGIA.....	20
4.1 Arte na Espera.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
5.1 Na Roda com os adolescentes.....	25
5.1.1 Fragmento: A invenção da palavra nos encantos da arte.....	25
5.1.2 Fragmento: Encenar a palavra com arte.....	27
5.1.3 Fragmento: “Colegas” na tela	29
5.1.4 Fragmento: Dobrando a palavra com arte.....	31
5.1.5 Fragmento: A arte de palavrar.....	33
5.2 Observações sobre o movimento da palavra e as invenções dos adolescentes na mesa artística.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

1 Introdução

A vivência do adolescente com doenças crônicas como a infecção pelo Vírus da imunodeficiência humana - HIV / Síndrome da imunodeficiência adquirida- AIDS, muitas vezes, apresenta impasses no acompanhamento de saúde.

No contexto de muitas descobertas que a adolescência traz, somam-se a vivência com a infecção pelo HIV/Aids e os cuidados diante das condições crônicas que acontecem na saúde. Além disso, outros aspectos podem aparecer como o estigma, o preconceito e a sensação de sentir-se diferente dos pares.

Nesse sentido, muitos profissionais e pesquisadores têm refletido sobre as questões que surgem nas práticas clínicas de cuidado à saúde na adolescência, como a adesão ao tratamento e os possíveis modos de intervir com esses sujeitos.

Neste estudo, pretende-se refletir sobre a metodologia de trabalho do Projeto Arte na Espera do Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas Parasitárias Orestes Diniz em Belo Horizonte/ CTR-DIP¹ em que um grupo de adolescente é convidado a vivenciar a arte e conversar, discutindo sobre a experimentação artística no espaço de saúde e os efeitos desta conexão no atendimento do adolescente.

Na tentativa de aproximação entre os campos da arte e da saúde, a interdisciplinaridade aparece como ponto de encontro desses saberes que se somam e se complementam na riqueza conceitual e teórica, revelando-se nas histórias de vida dos adolescentes. Nesta abordagem, consideram-se os casos concretos no grupo de adolescente como os orientadores do atendimento de saúde.

A primeira parte deste trabalho contextualiza a adolescência e na sequência, a discussão incorpora o adolecer com a vivência de doença crônica e a infecção pelo HIV/AIDS a partir da revisão de literatura. Em seguida, apresentam-se algumas reflexões sobre a interface entre os campos da arte e da saúde, relacionando a subjetividade pela palavra através da experimentação artística coletiva. Em outro capítulo, descreve os objetivos e os caminhos metodológicos do trabalho, contextualizando o Projeto Arte na Espera no CTR-DIP. Posteriormente, através do estudo empírico são apresentados os resultados e a discussão

¹ Localiza-se no Complexo do Hospital das Clínicas no município de Belo Horizonte na região conhecida como área hospitalar. É o local de referência para tratamento de pessoas com HIV/ Aids de todo o Estado de Minas Gerais.

com fragmentos de casos e vinhetas do campo com os adolescentes. E, finalmente, as considerações finais tratam as reflexões das experiências apresentadas com percepções sobre trabalho investigativo realizado.

2 Revisão de Literatura

2.1. Adolescência: Travessia inventada por cada um

A adolescência se expressa na cultura como uma passagem da infância à vida adulta. Ao cruzar a entrada da puberdade, o sujeito é convocado a tecer uma resposta sobre esse novo momento.

A noção de adolescente é recente, tendo surgido com o advento da sociedade industrializada. Conforme Le Breton (2017, p.45) “acompanha o surgimento da família moderna a partir do final do século XVIII no seio das classes sociais privilegiadas”. Assim, a adolescência ganha diversas construções em que os aspectos sociais, culturais, históricos e jurídicos se entrecruzam.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1965) compreende adolescência a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade, caracterizada por intenso crescimento e desenvolvimento com as transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente² (Brasil, 1990) define a adolescência dos 12 aos 18 anos de idade, e, em casos excepcionais é aplicável até os 21 anos de idade. Esse marco legal garante a proteção integral das crianças e adolescentes, considerando a sua condição peculiar de pessoas em desenvolvimento e os reconhece com direitos e deveres, propondo uma ruptura com o sistema anterior do Código de Menores no país.

Na perspectiva de Dayrell (2003, p.42) a adolescência “representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais”.

O conceito de juventude integra esta discussão e se sustenta na afirmação de Dayrell (2003, p.42) que a compreende “como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos” e com “especificidades que marcam a vida de cada um”. O Estatuto da Juventude³ (Brasil, 2013) define que são as pessoas entre 15 até 29 anos de idade.

² O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990) é uma Lei Federal nº 8.069 promulgada em 13 de julho de 1990 e legisla sobre a infância e a adolescência no país.

³ O Estatuto da Juventude é uma Lei Federal nº 12.852, promulgada em 5 de agosto de 2013 descreve sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE no Brasil.

Um aspecto a ser considerado é o limite cronológico destas normativas na definição do ser adolescente e jovem por meio da idade. Esta delimitação é importante na condução das ações públicas de forma a dar visibilidade às demandas e às necessidades desse segmento nas políticas.

Nesse sentido, Dayrell (2016, p.26) afirma que “compreender xs jovens apenas pelo fator idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados aos campos simbólico e cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam as sociedades”.

Para além da faixa de idade, a adolescência e a juventude se apresentam nas suas diversas facetas e com contornos singulares. Às especificidades do contexto que cada sujeito vivencia, além das marcas do desenvolvimento fisiológico, psíquico, social, somando-se as experiências interferem na sua trajetória de vida.

A puberdade e a adolescência são conceitos distintos e por vezes, confundidos. Existem muitas definições sobre adolescência e puberdade conforme as perspectivas teóricas (FERREIRA, 2016).

Na puberdade acontecem intensas mudanças físicas, hormonais e afetivas nesse tempo que marca o fim da infância. Para Alexandre Stevens (2004) a adolescência é compreendida como sintoma da puberdade em que o sujeito está envolvido com as transformações físicas e hormonais no corpo. O sintoma, segundo Ferreira (2016), é compreendido como um suporte e sustentação particular que cada um cria para si e descreve como “alguma coisa em que o sujeito se segura para enfrentar as atribulações da vida”.

Por esta via, a adolescência é um modo singular e subjetivo de experimentar as transformações pubertárias e conforme Ferreira (2016, n.p) ocorrem “dois grandes chamamentos. Há um chamado que vem do corpo, do próprio corpo e do corpo do outro; e um segundo, que vem do campo do Outro, do desejo do Outro”.

A marca do fim da infância faz o sujeito distanciar e perder o lugar antes ocupado e conhecido. O adolescente se vê confrontado com o corpo carregado de mudanças, com as novas idealizações de si e dos pais, e com as diferentes situações sociais.

Neste novo referencial, o adolescente longe do aconchego da família procura novos jeitos de ser, tendo os amigos como fonte de identificação, de contestação e de questionamento em outros espaços sociais. Para Le Breton (2017, p.15) a busca pelo grupo de amigos é “também uma busca ativa de prazer, na medida em que o grupo oferece ao jovem um status narcísico inédito, um lugar no mundo”.

Na delicada transição da adolescência, Lacadée (2011, p.28) discute que o que está posto para o sujeito adolescente é o “sentimento de estar à parte, em exílio” por não encontrar nas palavras o que reveste de sentido a sua vivência. Diante dessa situação de confronto, esse autor compreende que a língua pode ser uma forma do adolescente construir o estilo próprio de nomear o que experimenta na vida.

As marcas de identificação construídas no corpo e na linguagem definem o seu jeito de vestir, de falar e de andar, bem como o gosto e outras preferências que o auxiliem encontrar respostas as suas questões e “continuar se situando no discurso que, até então, dava a ele uma ideia de si” (Lacadée, 2011, p.33), diferente daquele da infância.

O adolescente percorre vários lugares experimentando os modos de ser como forma de elaborar o que vive. Nas diferentes trajetórias inventadas pelos sujeitos, pode-se pensar no plural, em adolescências na sua multiplicidade marcada pela diversidade de vivências e há casos em que são atravessadas pela doença crônica. As condições crônicas de saúde trazem efeitos subjetivos para os adolescentes para além das mudanças dos aspectos físicos, sociais e biológicos em curso.

2.2. Adolescer com uma doença crônica e com HIV/Aids

Adolescer é um processo do ciclo vital repleto de possibilidades para entrada na vida adulta. As novas vivências podem colocar o adolescente em maior risco na sua experimentação, como o uso de álcool e outras drogas, condutas de riscos, transtornos alimentares, acidentes de trânsito e outras, podendo influenciar no surgimento de doenças crônicas.

As doenças crônicas são definidas como um conjunto de condições que se relacionam a múltiplas causas, provocando invalidez permanente ou residual no indivíduo, alteração patológica irreversível ou necessitando de extensos períodos clínicos de supervisão, observação, atenção e/ou reabilitação (WHO, 2003).

A infecção pelo HIV e a aids adquiriu o estatuto de doença crônica e com o progressivo avanço no diagnóstico e no tratamento com o desenvolvimento das novas tecnologias vêm promovendo o aumento na sobrevida com qualidade de vida das pessoas e, assim, gerando novos impasses no manejo clínico em saúde (GUIMARÃES, 2013).

Quando se trata da adolescência desses sujeitos, a vivência com uma doença crônica como a infecção pelo HIV/Aids pode ser um fator de maior dificuldade. Além de terem que se

posicionar e enfrentar os conflitos psíquicos do processo em curso do adolescer, somam-se ainda os cuidados de saúde inerentes à condição crônica desta doença por suas particularidades. Outras circunstâncias podem se apresentar como a orfandade, a iniciação sexual, a revelação diagnóstica, a discriminação, o preconceito, as dúvidas sobre a transmissão de uma doença como a Aids (Brasil, 2013).

O alcance da resposta desejada de adesão com os efeitos dos antirretrovirais (ARVs) é essencial na melhora do bem-estar dos sujeitos que vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). A terapia antirretroviral combinada (Tarv) resulta na supressão da replicação do vírus do HIV, agindo na prevenção de doenças oportunistas, na melhora na resposta imunológica e na redução da mortalidade (BRASIL, 2013).

Apesar dos avanços científicos alcançados no tratamento e prevenção da infecção pelo HIV/Aids na atualidade, destaca-se a rotina diária intensa de cuidados. Incluindo assim, o acompanhamento médico regular, medicações de uso contínuo, alimentação adequada, realização de exames complementares e hospitalizações. Entretanto, todos esses cuidados precisam ser continuamente revistos pelos profissionais de saúde, pelos familiares e pelos adolescentes (BRASIL, 2013).

A não adesão ao tratamento pelo adolescente pode levar a não supressão virológica e imunológica, aumentando, assim, o risco de falência terapêutica e da progressão da doença (BRASIL, 2013).

O adoecimento do adolescente pode provocar alterações físicas que requerem hospitalizações, afastamento/ausência nas atividades cotidianas, uso de medicações, restrições alimentares, a realização de exames, peregrinação aos atendimentos médicos para o tratamento complexo e por vezes, prolongado.

Atender às exigências médicas e familiares, cuidados especiais com alimentação, atividades físicas, além de toda rotina de consultas, acompanhamentos, exames complementares e medicamentos contrapõe-se à atitude contestadora, ao desejo de experimentar o novo, desafiar o perigo e à impulsividade dos jovens. A forma peculiar do adolescente se relacionar com o tempo pode dificultar ações que tenham caráter mais preventivo para a saúde (GUIMARÃES, 2013, p. 18).

As peculiaridades e características da adolescência com as diferentes maneiras de viver dos sujeitos, somadas às dificuldades de adesão são assuntos recorrentes e inquietantes para as equipes de saúde, trazendo problematizações constantes no acompanhamento clínico de adolescentes.

Segundo Guimarães (2013) há vários fatores associados à adesão, sendo primordial considerar a subjetividade dos pacientes, as particularidades que apresentam cada caso e a relação médico-paciente. Revela ainda que se pode haver maior compreensão da não adesão na adolescência à terapia antirretroviral quando os próprios sujeitos envolvidos como os médicos, os cuidadores e/ou familiares e, sobretudo, os adolescentes que vivem com HIV/Aids, são chamados a falar sobre as suas vidas e elaborar um saber (GUIMARÃES, 2013).

Na construção de uma perspectiva mais integral na prevenção, promoção e atenção à saúde em conjunto com o adolescente é relevante a participação e a autonomia desses sujeitos na produção de modos de viver e cuidar da saúde. Guimarães (2013, p.36) salienta que a “não adesão poderia ser vista como uma resposta singular de indivíduos às voltas com a adolescência e vivência de uma doença crônica”.

Para o adolescente aceitar os cuidados de saúde impostos pela doença pode representar ainda assumir o diagnóstico e ser sujeito responsável pelo autocuidado. Nesse contexto, o adolescente pode apresentar diversas concepções e fantasias sobre a doença, o receio de ser discriminado, o preconceito sobre a transmissão do vírus, a vergonha, a angústia e a sensação de ser revelado, descoberto.

Neste sentido, as práticas clínicas que potencializam as relações com os adolescentes se tornam importantes e necessárias para a efetivação da atenção integral a saúde.

Considerando as colocações de Cristiane Cunha (2017, p. 3) sobre as práticas das políticas de saúde do adolescente, problematiza-se o lugar do cuidado que algumas vezes se dá nos contornos da doença, onde “a sexualidade se reduz às doenças sexualmente transmissíveis e às questões concernentes à procriação”. Ampliar as possibilidades do cuidar inclui as múltiplas questões presentes no campo do viver como afirma essa autora que “a narrativa, matéria-prima da clínica e da vida, já não cabe no modelo biotecnológico”. Desta forma, aponta para uma prática de saúde dialógica com quem chega, oferecendo o lugar de fala e de escuta ao adolescente.

As ações com troca compartilhada de saberes possibilitam que os cuidados de saúde sejam transformados em significados singulares para o adolescente. Nesta construção, a escuta é uma grande ferramenta no acolhimento de saúde contemplando um espaço sensível aos gestos, ao silêncio e as palavras do sujeito. Possibilitando, assim, o adolescente interrogar sobre si para além da doença, endereçando as suas questões e elaborando as suas próprias respostas.

2.3. O enlace da arte e da palavra na saúde: A experiência do fazer e do inventar

Nos últimos tempos, muito tem se discutido sobre a arte e sua inserção em diversos campos. O conceito de arte é amplo e inclui múltiplos sentidos como na educação atrelada a formação em arte educação com metodologias de ensino em escolas, a interpretação das obras de arte e o ensino das habilidades para criar. A arte também tem sido desenvolvida em contextos de oficinas culturais, artísticas, recreativas e ainda no campo da saúde mental aplicada em tratamento de doenças psíquicas.

Apreciando as construções teóricas da Ana Mae Tavares Bastos Barbosa sobre a arte, a autora compreende a arte como “uma linguagem presentacional dos sentidos”. Por este motivo, imprime sentidos pelos quais o homem atribui significado em estar no mundo com uma percepção mais crítica e imaginativa da realidade que vive (BARBOSA, 1995, p.15).

“Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte como uma linguagem presentacional de sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica”. (BARBOSA, 1995, p.12).

Nesta direção, a arte revela as múltiplas visões de mundo e também, como apresenta Aranha e Martins (1992, p. 188) na visão mais filosófica é uma “forma de o homem marcar sua presença, criando objetos (quadros, filmes, músicas, esculturas, vídeos etc) que oferecem uma interpretação do mundo tanto quanto uma frase”.

Por esta perspectiva, ao assumir essas referências sobre a arte, compreende-se que ao produzir arte, o sujeito revela os seus saberes e permite novas leituras e elaborações de si e do mundo.

O processo de criação é uma composição singular do sujeito. O ato de fazer atrela o inventar com as marcas próprias, incorporando as apreensões subjetivas da realidade vivida, o pensamento, o sentimento e a percepção através das suas diversas experiências e narrativas.

Ao relacionar essa noção de arte na saúde aparece um campo novo com entrelaçamento de pontos comuns em que toca o cuidado, a invenção e o encontro, colocando em evidência a experiência do sujeito.

Esta conexão da arte e da saúde pode potencializar a expressão do sujeito adolescente. Segundo Cunha et al (2015, p.46) ao produzir arte “como o desenho, a pintura, a modelagem,

o jovem se envolve com suas emoções, e expressa esses sentimentos de maneira lúdica e criativa”.

Contudo, fazer arte no espaço de saúde pode permitir a expressão, o aparecimento da experiência do adolescente e trazer a conhecimento aquilo que se vive e o que se sabe pelas palavras.

Nas notas sobre a experiência e o saber da experiência, Jorge Larrosa Bondía (2002) faz uma apreciação profunda acerca da palavra antes de explorar o significado da experiência.

Bondía (2002, p.21) considera o homem sendo “um vivente com palavra”. Para esse autor, a palavra é carregada no corpo como um tecido constitutivo a significar o que o afeta. Desta forma, é através da apropriação das palavras pelos sujeitos que produzem sentido a si mesmo, ao outro e ao mundo, determinando, assim, o pensamento e criando realidades. Nesse processo de significação, o sujeito constrói o seu modo de viver que “se dá na palavra e como palavra”.

No entrelaçamento da arte na saúde torna possível a abertura de um lugar novo ao adolescente. É nesta transição feita de delicadeza que Lacadée (2011, p.161) compreende que a adolescência “(...) por estar ligada a algo do ‘desregramento de todos os sentidos⁴’ é também o tempo da criação, da arte, o tempo em que o jovem sujeito tenta encontrar aquilo que seu ser pode se traduzir à sua maneira”.

Considerando as reflexões de Lacadée e de Bondía, o adolescente segue o seu movimento inventivo pelas trilhas do adolescer de acesso à via da palavra. A palavra constitui o sujeito, produz marcas subjetivas na escuta, no silêncio e na fala às diversas experiências. Na circulação da palavra, o próprio movimento, de passar de uma pessoa a outra, pode transformá-la com elaborações e reconstruções de significados. Permitindo assim, o sujeito dar sentido às suas questões, confrontando o seu saber e se lançando na sua forma de viver.

⁴ Lacadée utiliza esta expressão de Rimbaud no livro “O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência”.

3 Objetivo

Refletir sobre a metodologia de trabalho em que os jovens são convidados a experimentar a arte e conversar em grupo, bem como os efeitos desta prática a partir da experiência do sujeito e da construção de narrativa.

3.1- Objetivos Específicos

- Discutir a conexão entre os campos da arte e da saúde;
- Observar os possíveis efeitos no atendimento do adolescente;
- Identificar como o adolescente se aproxima da experimentação artística em grupo;
- Discutir a relação entre fazer arte e o aparecimento da experiência do adolescente por meio de narrativas.

4 Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, destacando a própria natureza metodológica de investigação que é a experiência de um grupo de adolescentes. Nesta perspectiva, adotou-se a observação participante em campo ao longo do período de um ano e em que a pesquisadora frequentava o grupo uma vez na semana por quatro horas.

A escolha deste método na coleta de dados justifica-se pela possibilidade do pesquisador “mergulhar de cabeça no campo que observará a partir de uma perspectiva de membro, mas deverá, também, influenciar o que é observado graças a sua participação” (Flick, 2009, p.207).

Conforme Queiroz et al (2005, p.277) a observação permite o pesquisador “obter a informação na ocorrência espontânea do fato”. Assim, a pesquisadora atuou tanto como participante quanto observadora para capturar as nuances do cotidiano do grupo tal qual ele é vivenciado pelos sujeitos, as relações entre os adolescentes e o fazer artístico no desenvolvimento do encontro, tendo como material de estudo as vivências subjetivas dos adolescentes para análise posterior.

Após cada atividade semanal, as informações observadas foram registradas pela pesquisadora durante todo o período. O caderno da equipe e os registros pessoais no diário de campo da pesquisadora foram utilizados na coleta de dados.

O caderno de campo é um instrumento de trabalho utilizado pela equipe do Projeto Arte na Espera como uma forma de registrar a própria prática com descrição detalhada das situações ocorridas a cada encontro semanal. Esses registros compõem o retrato do vivido acerca dos acontecimentos, da atividade realizada, das interações dos aspectos individuais e coletivos dos adolescentes. Funciona ainda como uma memória construída coletivamente pelos profissionais, considerando os questionamentos que puderam surgir e as percepções diversas da equipe.

Bonetti e Fleisher (2007) elaboraram uma coletânea com o título “Entre Saias Justas e Jogos de Cintura” com descrição por meio de relatos de pesquisadores as histórias dos diários de campo. Para estas autoras (2007, p.17) abordar o trabalho de campo “é necessariamente falar pelo campo. É falar da produção e apropriação dos diários. Porque refletir sobre as experiências de campo é re/tomar o diário como nossa principal fonte”.

Desta forma, a pesquisadora recorreu também às anotações do diário pessoal de campo com a reprodução das narrativas dos adolescentes e dos diversos eventos presenciados no

período de um ano, fevereiro de 2017 a março de 2018. Realizou-se ainda revisões na literatura sobre o assunto para a articulação do referencial teórico com os dados coletados.

Diante dos dados obtidos na coleta, iniciou-se um trabalho de reflexão que remetia ao problema da investigação deste estudo. No processo de análise do material buscou a compreensão das relações entre a arte e a subjetividade na construção de narrativas dos adolescentes, bem como as práticas de arte desenvolvidas no grupo tendo como referencial as elaborações teóricas existentes acerca da adolescência e da saúde.

Cabe ressaltar que no capítulo posterior com relatos e a descrição dos fragmentos de casos, a identidade dos sujeitos participantes do Projeto Arte na Espera é preservada. Todos os nomes utilizados neste trabalho dos adolescentes são fictícios.

Ao longo dos encontros, algumas temáticas surgiram no fazer e nas conversas entre os participantes. Os temas recorrentes no grupo foram abordados nas categorias de análise relacionadas com a experimentação artística.

O ponto de partida deste estudo é o Arte na Espera no CTR-DIP. Para melhor compreensão de como esse projeto nasceu, segue uma descrição histórica breve sobre o atendimento de saúde no ambulatório pelos quais ele foi elaborado e desenvolvido.

4.1- Arte na Espera

O “Projeto Arte na Espera” surgiu em agosto 2013 como fruto da parceria entre o Núcleo de Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFGM) com o Instituto Undió para atender adolescentes que comparecem para o atendimento e que muitas vezes apresentam doenças crônicas, questões psíquicas, conflitos familiares, uso de drogas, impasses escolares e outros.

A proposta segundo Cunha et al (2015, p.47) é oferecer a arte na sala enquanto esperam o atendimento médico. É uma abordagem inovadora por enriquecer o atendimento através da “interlocução entre saúde, subjetividade e cultura no espaço da saúde e da cidade”. Sendo assim, a equipe interdisciplinar expande as construções com o adolescente e as famílias por meio do fazer da arte, trazendo as produções artísticas nas discussões de equipe.

O Projeto Arte na Espera se integrou ao CTR-DIP no momento em que se constatou baixa adesão dos adolescentes às oficinas temáticas realizadas anteriormente. De acordo com a nova metodologia, integrando a arte no atendimento deste Ambulatório, foi possível abordar o adolescente no corredor durante o intervalo da espera pela consulta. O adolescente é

surpreendido com um convite da equipe para participação espontânea nas atividades artísticas desenvolvidas na sala da Arte na Espera, próxima aos consultórios médicos.

Os encontros acontecem todas às quartas-feiras, das 13h às 17h. O horário é combinado estrategicamente com a equipe de saúde do CTR-DIP para concentrar as consultas dos adolescentes nesse dia para que eles possam, durante o intervalo de tempo da espera, participar do Projeto.

Aproximadamente 10 jovens são convidados a se sentarem ao redor de uma mesa onde são ofertadas atividades, como desenhos livres, pinturas, teatro, exibição de filmes e modelagem de argila, que podem ser escolhidas livremente. A cada encontro, a equipe apresenta uma proposta de atividade e acolhe também as sugestões dos adolescentes.

Nesta proposta artística de atendimento no Ambulatório, houve a integração de uma artista, que era estagiária do Instituto Undió, na condução do grupo em parceria com os profissionais de saúde, como médico, psicólogo, assistente social, dentista e enfermeiro do Setor de Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas.

A interface da arte no atendimento de saúde neste Projeto busca a experimentação pela expressão subjetiva do adolescente. A participação é livre, bem como a escolha do que produzir, de como produzir e do material a utilizar. A artista que orienta a atividade apresenta a técnica artística quando solicitada ou demandada pelos participantes, ficando opcional para o adolescente a aplicação no seu fazer ou seguir a sua intuição. Além disso, a equipe não realiza análise artística do material elaborado como a identificação de imagens e as suas possíveis representações para o adolescente.

5 Resultados e Discussão

Ao longo de 2017, foram realizados 29 encontros com a frequência média de sete adolescentes em cada encontro, sendo que poucos adolescentes frequentavam o grupo mais de duas vezes ao mês.

A frequência dos adolescentes ao ambulatório CTR-DIP é variável. O público que participou das atividades da sala de espera abrangeu em média 180 adolescentes com idade entre 12 a 21 anos de idade, residentes no município de Belo Horizonte e interior de Minas Gerais, com trajetórias de vida diversas e com diferença étnica, racial, cultural, sexual/orientação/identidade de gênero reunidas na sigla LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/transexuais e intersexuais).

No cotidiano, a equipe aproximava dos adolescentes que aguardavam pela consulta no corredor do Ambulatório. Ao convidá-los a participar do grupo, por vezes alguns adolescentes se recusavam e ou se sentiam tímidos para chegarem à sala sozinhos. Nesses casos, uma parte da equipe permanecia no corredor e estabelecia conversas individuais com o intuito de conhecer o adolescente e apresentar o trabalho do Arte na Espera para uma possível participação.

O público que frequenta o Projeto é composto por adolescentes com consulta médica agendada com a equipe de saúde do ambulatório, outros são de demanda espontânea sem agendamento e alguns são acompanhantes de alguém em tratamento no Centro de Referência.

Os adolescentes permanecem em tempos distintos na sala de espera, de acordo com a sua disponibilidade de participação no dia. Nesse sentido, muitos desafios se colocavam para a equipe em manter a profundidade do trabalho no tempo de permanência do adolescente no grupo.

A metodologia de trabalho do Arte na Espera é fluida e incorpora as manifestações dos adolescentes em relação à apreciação ou não das técnicas e dos materiais artísticos. Todo encontro é construído com os adolescentes e é acompanhado de avaliações processuais, o que reflete na organização das práticas que orientam a condução e o funcionamento do Projeto.

Nas atividades realizadas observa-se a valorização da participação dos adolescentes, estimulando sempre o envolvimento deles na definição e na realização das atividades. Contudo, a participação ocasional do adolescente no grupo ao longo dos encontros mensais exigia da equipe a aplicação de diferentes propostas de atividades.

Com a descoberta dos interesses individuais e coletivos dos participantes, a equipe converte-se em temas de trabalho no planejamento das atividades que é feito mensalmente.

Desta forma, é constante a criação de novas estratégias de abordagem ao adolescente, o que faz dos encontros ricos e abertos ao surgimento do novo.

Cabe ressaltar, que a arte aplicada ao Projeto no acompanhamento de saúde do adolescente não segue as mesmas estruturas de uma produção artística, com domínio dos padrões e critérios das técnicas e estilos, bem como as exigências do mercado comercial. A proposta do trabalho versa sobre as experimentações com a arte.

No ato de manipular os materiais e de fazer algo, a equipe incentiva o adolescente a falar algo que sente à vontade para expressar. As percepções e as experiências que emergem do ato da criação abrem para as diversas possibilidades de dizer de si, de manipular os materiais artísticos e transformá-lo em alguma coisa nova, de fortalecer a circulação da palavra no grupo, refletindo nos seus significados.

Algumas vezes, o silêncio entre os adolescentes se estabelecia no andamento do encontro e o fazer artístico se tornava o foco de atenção dos participantes. Em outros momentos, a temática que ganhava força na discussão do grupo era a produção artística.

No decorrer dos encontros ocorreram diversas ações imprevistas e que ao mesmo tempo, serviram como um aprendizado para a equipe envolvendo o constante repensar sobre a própria condução e adoção de novas formas de trabalho. Uma delas aconteceu quando o adolescente espontaneamente manifestou o interesse em realizar outra atividade concomitantemente com a atividade em curso no momento.

As atividades programadas foram de pintura, teatro, desenho, argila, exibição de filmes, confecção de fantasias para o carnaval com materiais de caixas e bulas de medicamentos como antirretrovirais. O uso desses materiais permite a subversão de objetos que remetem à doença e se transformam em bancos, tapetes, vestimentas como saias, vestidos, coletes e outros adereços, tais como cocar, colares, chinelos e tantos outros.

A interação dos adolescentes no grupo possibilitou uma conversa de temáticas variadas. Alguns temas por aparecerem mais de uma vez em diferentes encontros se destacaram, como: relacionamento amoroso, família, morte, trabalho, escola, doença crônica, medicação, HIV/ AIDS, revelação diagnóstica, violência, preconceito, prostituição, gravidez, maternidade e filhos.

É na sala de espera que os elementos da arte, da cultura e da saúde se articulam e aliavam às experiências dos adolescentes no grupo. Nesse sentido, fazer a atividade conecta com o dizer à sua maneira as palavras que narram as histórias de vida, construindo o discurso. Por vezes, fica a “cada um a escolha de dizer com suas palavras o que está acontecendo em

sua vida” (Lacadée, 2011, p.31), adicionando ideias inesperadas e/ou fazendo uso dos materiais de artes.

Assim, o processo de produzir arte e abrir a roda de conversa com os adolescentes compõe diferentes cenários possíveis de participação e que serão apresentados nos fragmentos descritos a seguir.

5.1- Na roda com os adolescentes

5.1.1- Fragmento: A invenção da palavra nos encantos da arte

A exposição das obras artísticas dos adolescentes, muitas vezes, provoca o encantamento de quem transita pelo corredor. Durante os encontros, percebe-se que muitos adolescentes ao observarem os painéis artísticos nas janelas e nas paredes da sala, chegam até o grupo querendo saber sobre o que acontece no espaço. A partir disso, desperta a curiosidade em manipular os materiais artísticos disponíveis, se interessando pela produção, estilos e aplicação de técnicas artísticas.

Há casos em que os adolescentes questionam o que encontram na sala e se interessam pelos objetos de arte e a partir disso, compartilham o seu universo cultural, relatando as vivências, os gostos, os conhecimentos acerca do tema e as preferências artísticas, como ocorreu em uma atividade do Projeto.

O grupo estava pintando com as tintas feitas de composto da terra no papel e o adolescente Giriardo, de 17 anos, passou pela porta do Arte na Espera enquanto aguardava a consulta médica no corredor. Ele observou a atividade desenvolvida na sala e manifestou o interesse em conhecer de perto o grupo.

Ao se deparar com as pinturas feitas pelos demais participantes, Giriardo expressou o seu gosto por pinturas antigas e lembrou-se da tela da “Santa Ceia”. O adolescente compartilhou com os presentes uma curiosidade desta obra acerca de uma mão que aparece segurando uma faca em direção a Jesus. E os demais participantes solicitaram ver a tela na internet, discutiram sobre a pintura e analisaram os seus possíveis significados.

Entre uma fala e outra, o assunto sobre habilidade em pintura ganhava proporção e desencadeou uma conversa longa entre os adolescentes. Uma participante disse que aprendeu a pintar na escola quando cursava as séries iniciais. E a vivência escolar passou a ser o tema da prosa. O Giriardo declarou que não tinha interesse pelas disciplinas escolares e gostava de

ler sobre curiosidades, arte em geral e assuntos correlacionados a sociologia e aos filósofos socráticos. Alguns adolescentes compartilharam as preferências pela filosofia e Giriardo relembrou a passagem clássica histórica do mito da caverna de Platão e muitos participantes desconheciam.

O assunto ganhou adesão e fortaleceu o debate acerca do mito pelos olhos dos adolescentes. Através desta metáfora, Giriardo refletiu que permanecer na caverna era confortável por ser um lugar conhecido e que ele percebia semelhança como na casa dos pais. A discussão entre os jovens focalizou a relação familiar, as necessidades financeiras e o apoio emocional que os filhos encontravam junto aos seus cuidadores.

Um adolescente considerava que a zona de conforto da caverna familiar facilitava a maior permanência e dependência dos filhos à família. Outra adolescente presente, Mel, de 19 anos, contou sobre a sua saída da casa dos pais no interior do Estado para morar sozinha em Belo Horizonte. Ao escutar todo o processo de mudança, Giriardo compartilhou o seu desejo em ter maior independência, no entanto, ele temia a dificuldade que encontraria em conseguir fazer essa passagem e cuidar de várias coisas sozinho.

A conversa dos jovens em torno da convivência com a família e o desligamento dos pais pela analogia filosófica transformou as narrativas dos participantes. O desejo de Giriardo em construir a sua vida independente ressoou em outras histórias e ele pode dizer do medo de enfrentar algo novo sozinho sem a ajuda dos pais.

O diálogo entre os adolescentes é revelador e aponta para o tempo do desamparo da adolescência. Para Le Breton (2017, p.22) esta fase da vida é “um tempo de suspensão no qual as significações da infância se distanciam enquanto as da idade do homem e ou da mulher apenas se deixam pressentir”.

O adolescente sente a falta de suporte para apoiar as suas decisões em busca dos seus projetos de vida por estar longe da família, correspondendo o não saber sobre o futuro. Conforme Lacadée (2011, p.158) “separar-se do meio familiar, escolher outra via e eleger novos objetos são as consequências do tempo lógico da adolescência”. Nesta transição, cabe ao sujeito a responsabilidade de inventar novas formas.

No desenvolvimento deste encontro, o interesse de Giriardo pela pintura foi o ponto que o ligou ao grupo e ganhou abertura com os demais adolescentes e assim, o surgimento de um diálogo coletivo permeado de vivências. A obra artística acarretou no direcionamento de diferentes olhares de acordo com a bagagem interpretativa de cada um, encontrando possibilidades de percepções de si, convertendo-se em experiências ricas narradas pelos jovens. Ao recuperar os acontecimentos vividos do passado no tempo presente, muitas

questões acerca dos adolescentes em relação a convivência familiar, escola e trabalho foram trazidas à tona e problematizadas diretamente por eles e outras a coordenação lhes provoca.

5.1.2- Fragmento: Encenar a palavra com arte

No espaço artístico do Projeto, a experimentação do adolescente com a arte possibilita, em algumas situações, o sujeito querer saber mais sobre a técnica de produção. E desta forma, as produções dos participantes se revestem de marcas da criação de cada um com a criatividade e a habilidade artística, como no fragmento que segue.

Ao longo de três meses, a adolescente Anne, de 17 anos, participou assiduamente dos encontros e estabeleceu um vínculo forte com a artista do grupo. A adolescente se mostrava encantada pela vestimenta e pelo jeito da artista e em determinados momentos, imitava o som da sua voz, as expressões e gestos, ressaltando as características físicas.

Anne se interessava em conhecer mais a trajetória profissional da artista e como ela também poderia se tornar uma atriz de teatro. A artista apoiava e incentivava-a nesta escolha juntamente com as demais adolescentes presentes, reafirmando que Anne apresentava “muito jeito”. E a partir de então, os adolescentes do grupo se animaram em produzir uma peça de teatro e a artista conduziu o trabalho, inicialmente sensibilizando os participantes sobre as artes cênicas e propôs a atividade de jogos teatrais.

No início do trabalho, a artista compartilhou o processo criativo da peça de teatro que havia trabalhado recentemente. Ela apresentou as etapas que compõem a montagem de um espetáculo, como a escrita do texto e o material de pesquisa que serviram de base para a sua criação. O tema retratado no teatro pela artista foi a vida de prostitutas na capital.

Ao tomar contato com as histórias de vida transmitidas pela artista, Anne se empolgava e dava o seu tom, com entonação na voz e movimentos do corpo. A adolescente sugeriu que o grupo fizesse encenações a partir das histórias lidas e outra adolescente presente, que participava de aulas de teatro em uma escola da cidade, aceitou a proposta e elas seguiram com as apresentações nos encontros semanais.

As participantes seguiram reproduzindo as cenas cada um à sua maneira em várias semanas como parte integrante do trabalho teatral. Ao final da apresentação de um dos

encontros, a adolescente Anne⁵ após encenar um personagem relatou sobre a sua vida, no momento de reflexão da cena e do personagem que assumiu. Ela contou que trabalhava em casas no centro da cidade como prostituta antes da privação de liberdade.

Outras participantes se interessaram pela partilha e a adolescente Anita, de 18 anos, também descreveu a sua vivência com trabalhos em avenidas e bairros da cidade. O envolvimento das adolescentes neste tema se desdobrou, pois as reflexões propostas pela equipe fizeram com que elas relacionassem as histórias encenadas com as suas vidas.

A equipe apostou nesse espaço para propor uma conversa das adolescentes diretamente sobre o cuidado com o corpo e com a transmissão do vírus HIV, as doenças, o processo de adoecimento, o uso de medicações, as relações amorosas, trabalho, campo de possibilidades e outros. A posição tomada pela equipe foi de problematizar e explorar o que as participantes sabiam sobre os assuntos com base nas concepções, preconceitos e ideias, ampliando a reflexão acompanhada de conceitos, de esclarecimentos e de informações.

Importante a abertura desse espaço interativo para pautar esses temas com as adolescentes, considerando que ambas faziam tratamento no ambulatório e que aparentemente, apresentavam resistência em falar sobre esta temática. Parece que a identificação com a artista facilitou a aproximação das adolescentes. O entusiasmo de Anne era notável no decorrer das atividades e ela valorizava sempre que possível os atributos da artista. A relação estabelecida entre elas era de cordialidade e nutria os sentimentos de empatia, admiração e respeito que facilitavam o manejo da artista com as adolescentes.

Em seu papel, a artista permitiu as adolescentes agirem com as suas marcas pessoais e expressarem as suas ideias com autenticidade, o que foi essencial no estabelecimento de uma relação de confiança para que elas pudessem dizer de si com as suas próprias palavras.

Durante a atividade de interpretação, cada adolescente desenvolveu o seu tema com suas habilidades e realizou trocas de sugestões, empregando o que havia adquirido sobre os princípios e técnicas desta arte. A posição da artista foi de mediar e dar suporte para as adolescentes buscarem os seus interesses, encorajando-as a rascunharem as suas ideias e a criarem à sua maneira.

Ressalta-se que a experimentação artística provocou o deslocamento dos olhares das adolescentes, reconhecendo os elementos da sua história nas cenas produzidas e as emoções

⁵ A adolescente na época estava em cumprimento de medida socioeducativa de internação e havia recebido o diagnóstico recente de infecção pelo HIV.

afloradas, organizando o pensamento e dando significação ao que sentem e pensam. Além de permitir a descoberta das suas potencialidades individuais para as artes cênicas.

Por meio do espaço coletivo, as adolescentes puderam se conhecer e trocar as suas experiências a partir do interesse pelo teatro. O grupo configurou em alguns momentos o lugar comum de vivências e partilhas pessoais, expondo as angústias e as dificuldades de conviver com uma doença crônica e os cuidados diários com a saúde. As narrativas entrelaçavam diversos sentimentos e revelavam o medo, a revolta, a rejeição, a vergonha e o isolamento, e ganharam novos significados a cada encontro.

5.1.3- Fragmento: “Colegas” na tela

No cenário das artes, o cinema se apresenta como uma ferramenta criativa e muito popular. A tela permite o contato mais intenso do sujeito com a imagem, podendo provocar a pensar o seu contato com mundo e as questões do tempo atual.

A sala Arte na Espera, se valendo das contribuições do cinema, exibiu o filme “Colegas”, de direção de Marcelo Galvão (2013), a pedido de uma adolescente. Este filme apresenta questões acerca da adolescência, diversidade e inclusão social ao retratar o cotidiano dos sujeitos com síndrome de Down e dos que convivem com eles.

O filme foi utilizado como recurso capaz de provocar a reflexão e o diálogo entre os adolescentes. Após a Sessão de Cinema, as adolescentes foram convidadas a conversar sobre as impressões do filme. As participantes Mel, Anne, Anita, Joeci, Ananda reunidas para o bate-papo evidenciaram a temática do preconceito ao retratarem o enredo e os personagens.

O filme na tela provocou e ecoou nas referências pessoais de cada um do grupo e no seu modo próprio de ver e dizer dos sentimentos, possibilitando colher novos olhares e afetos de outras adolescentes. Reintroduzindo, assim, a palavra que pode circular pelo grupo.

Nas palavras de Gurski; Vasquez; Moschen (2013, n.p) “o tema da arte e o tema da experiência tantas vezes se encontram amalgamados. Parece que ambos constituem formas de fazer com que a palavra se reinvente, de modo a não se tornar letra morta”.

Para estas autoras o que está posto é a dimensão da experiência e o cinema se apresenta também como um lugar de conexão da trama de significados e sentimentos. Esse ponto comum se desdobra em diversos caminhos potentes para o sujeito na construção de um espaço de si e de novas narrativas.

Nesse sentido, o debate pautou a diferença e a inclusão social no tempo presente e fez com que os participantes recuperassem as vivências próprias. E assim, Anita tomou a palavra e disse ser vítima constante de preconceitos por ser mulher trans e justificou que as pessoas não gostam de “pessoa trans”. A adolescente desabafou “acontece comigo todas as vezes, basta colocar os meus pés na rua”. Anne também contou que sofre diariamente. Na sequência, Joeci relatou que sofre preconceito por jogar futebol e continuou “é só para homens, né?”. A adolescente Ananda apresentava a expressão entristecida e tímida e depois de muito tempo, ela contou que havia sofrido preconceito durante a sessão de cinema. A adolescente revelou ao grupo que se sentiu discriminada pelas demais participantes e estava descontente.

Cabe pontuar que Ananda emocionada procurou a coordenadora para uma conversa em particular durante a exibição do filme. Após longo tempo de escuta às questões da adolescente, a coordenadora a encorajou a se posicionar diante do grupo sobre a sua chateação. Ananda mostrou receio inicialmente e depois, ela aceitou expor os seus sentimentos no coletivo.

As adolescentes Anita e Anne demonstraram não entender o ocorrido e Ananda relatou que escutou por diversas vezes vindo das adolescentes, as palavras “metida”, “desumilde” e “chata”. Nesta ocasião, as adolescentes conversaram, conseguiram rever a situação e se desculparam pelo mal-entendido.

O bate-papo seguiu entre as participantes e Anita relatou sofrer preconceito na escola pelos colegas da sala. Segundo ela, alguns alunos tentavam ofendê-la de forma pejorativa pelo seu nome social. Além disso, a adolescente estava passando por um processo de aceitação por parte da mãe, que segundo Anita “insistia em chamar pelo nome que nunca gostou”.

Por meio deste espaço coletivo, as adolescentes puderam encontrar um lugar de acolhida no grupo e expuseram as diferentes manifestações de violência com as quais convivem no dia-a-dia. As narrativas traduziram a experiência individual de cada uma.

Segundo os registros da equipe, os relatos de Ananda em relação à ser vítima de preconceito se repetiam em diferentes momentos no grupo. A condução do trabalho da equipe do Arte na Espera com a adolescente se orientava pela escuta atenta às suas questões, uma vez que ela queixava constantemente de violência após a revelação social do HIV para o companheiro, os amigos da escola e os vizinhos. Contudo, a atividade com o cinema permitiu que fosse dado tratamento à angústia de Ananda com as demais participantes, abrindo espaço de conversa. No momento da condução grupal, a equipe acolheu o desabafo de Ananda e das demais adolescentes, ponderou que as diversas experiências passadas na vida de uma pessoa podem deixar marcas positivas e negativas. Sendo que as negativas trazem uma carga forte de

sofrimento que podem influenciar a percepção da realidade e ação ao se deparar com uma nova situação, podendo levar a uma interpretação precipitada das atitudes dos outros.

O depoimento de Anita no grupo refletia o sofrimento da adolescente e revelava de forma marcante a sua indignação e o silêncio que a acompanha no cotidiano por não ser tratada com respeito pelas pessoas nas ruas e na escola. Nesse ponto, destaca-se diferentes violências com uso de ofensas e termos pejorativos, produzindo sofrimento na adolescente pela simples presença ou passagem por determinados lugares da cidade.

No cenário social, muitas formas de violência afetam e expõem a vida das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/transsexuais e intersexuais - LGBTI. No relato das adolescentes é evidenciado o estigma e o preconceito associados à transfobia, o HIV, o racismo e o sexismo. Ao contarem sobre as suas experiências, elas expressaram os sentimentos e as emoções que as tocam, por vezes, a revolta, a liberdade, a indiferença, a incapacidade, a alegria e a superação.

O filme propiciou o debate coletivo com a expansão das percepções e interrogação das realidades de vida, reconceituando as experiências de cada uma com novas leituras e significados. Ressalta-se que muitas adolescentes contaram que buscaram o apoio da família em diferentes momentos na superação dos conflitos e apoio às suas escolhas de vida.

A proposta do grupo permitiu que cada participante pudesse tomar a palavra, possibilitando o surgimento de uma nova posição do adolescente. Conforme Lacadée (2011, p.23) “o *novo* surgido no dito pode, então, orientar uma fala inédita, uma nova tomada de posição na língua, permitindo ao adolescente traduzir a via nova que a ele oferecida”. Assim, no próprio ato de falar ancora o ato de criar novas experiências de si.

Nesta direção, a palavra dita ou silenciada pelo adolescente se conecta com as questões subjetivas de cada um, abrindo brechas para os sentimentos, angústia, desejo, o surgimento de questões e elaborações que vão além e através deles. Permitindo a transformação do silêncio e da posição passiva, repetida e paralisante das adolescentes em saídas mais criativas e outras formas de se relacionar no campo social.

A experimentação artística do grupo com o cinema se fez com a colaboração e interação mediada pela presença de voz, silêncios, escutas e leituras entre as adolescentes, se fazendo no coletivo todo esse processo construtivo de narrativas.

5.1.4- Fragmento: Dobrando a palavra com arte

No cerne do fazer artístico, muitas vezes, está o significado simbólico e expressivo dos sujeitos que produzem as suas obras, como evidenciado pela adolescente Alane na confecção de dobradura de papel.

A Alane com 12 anos de idade residia próximo à capital e compareceu pela primeira vez à sala de arte. Interessada no grupo, ela logo manifestou que não fazia atividade artística desde as séries iniciais na escola e gostaria de fazer dobradura que aprendeu com a sua professora.

A adolescente com uma folha de papel colorido em suas mãos, contou que gostava de fazer pássaro quando estudava na educação infantil. Os demais participantes se interessaram e ela repassou o passo a passo da técnica. Entre um passo e outro, ela relatava a sua vida na cidade e de como a sua família vivia naquele lugar. Em tom de desabafo, Alane contou que sentia falta de um irmão que havia falecido cerca de dois anos e que a vida da família havia se modificado muito. Outra jovem, Natele, de 19 anos, estava presente e com as mãos trabalhando a dobra de papel, se comoveu ao escutar e também expressou o seu sentimento com a perda de um irmão recente. Ela contou sobre as dificuldades que encontrava em lidar com a situação e os sentimentos que ainda persistiam.

Neste encontro, percebe-se que a atividade artística se apresentou como mediadora das relações entre as adolescentes, permitindo o contato entre elas. No ato de explorar a textura e o formato do papel, as conversas se misturavam e as adolescentes eram conduzidas a perceber não apenas o que estavam fazendo, mas como estavam se sentindo enquanto faziam dobras. Essa prática desdobrou, ganhou espaço e abertura para dizer de si, partilhar as experiências íntimas acerca da ausência de um familiar para além da transmissão de uma técnica da dobradura de papel que intermediou o fazer delas.

Nota-se que a materialização da arte neste encontro incorpora os diferentes significados em que presentifica a experiência de vida. As emoções, os pensamentos, as palavras, as lembranças e as impressões acerca dos cuidados de saúde foram refletidas na produção material das adolescentes. Esse processo de criação torna possível, em alguns casos, o adolescente falar de si e trazer a sua história de vida no tempo presente, de modo a oferecer ao sujeito um tempo novo para se reposicionar.

5.1.5- Fragmento: A arte de palavrar⁶

Além da experimentação artística, há casos em que os adolescentes não manipulam objetos e permanecem sentados próximo à mesa onde as atividades acontecem, interessados em escutar e dizer sobre si.

Um desses casos ocorreu em um encontro em que a maioria dos adolescentes se dedicava à pintura de papéis. A jovem Samantha de 20 anos chegou à sala com a sua bebezinha para a consulta médica com a infectologista e preferiu observar o trabalho artístico. Escolheu um assento próximo aos demais e desabafou sobre as suas preocupações a respeito da saúde da filha após um mês de internação por bronquiolite.

Outra adolescente, Ágila, de 14 anos, que aguardava a consulta na sala de espera do filho de um mês, ao escutar a vivência de Samantha, se sentiu também confortável em descrever os seus receios e medos em relação à sua espera, pois o filho havia recebido diagnóstico recente e era a primeira consulta do filho com a infectologista no Ambulatório. Esta adolescente ressentia que as suas visitas naquele espaço passariam a ser rotineiras e os cuidados mais intensos com o bebê. As duas adolescentes permaneceram um longo tempo conversando. E diversos pontos em comum foram identificados em relação à maternidade, cuidados diários com os bebês, paternidade, exames de DNA, trabalho, estudo, apoio dos familiares e outros.

Em outro encontro, Samantha retornou ao grupo e logo no início se aconchegou na cadeira distante da mesa artística enquanto aguardava a consulta médica com a sua filha. A adolescente contou sobre a comemoração do aniversário de um ano e a ausência do pai da filha na festa. A esse respeito, ela relembrou o tempo que escondeu a condição de soropositividade para o HIV no começo do namoro devido ao medo de reprovação e separação do ex-namorado. Com muito sofrimento, Samantha lembrou a revelação da doença após a notícia da gestação de Ciça e os problemas causados no relacionamento. A adolescente, com voz apertada, desabafou que mesmo com a gravidez não conseguiu manter o uso adequado da medicação e assim, a filha nasceu infectada e adoecida pelo HIV.

A fala da adolescente ao grupo revelou à sua maneira o incômodo com o pai de sua filha e a solidão materna. A questão da soropositividade e a revelação do diagnóstico a colocava no lugar de estranha na relação com o seu namorado, gerando assim, o medo da

⁶ A expressão *palavrar* é de Fernando Pessoa no livro ABC, no qual esse grande poeta português revela no sentido do verbo o seu gosto pelas palavras. A partir desta formulação, foi aplicado neste fragmento como forma elucidativa de refletir nesta experiência descrita.

discriminação e do preconceito de viver com o HIV/Aids. O que trouxe efeitos subjetivos para o presente na sua relação de cuidados com a filha e com as pessoas que convive no dia-a-dia.

Na construção social em que a doença se inscreve e a representatividade social da AIDS na atualidade mais do que uma doença crônica, traz ainda conotações negativas. Isso se reflete nos relatos dos adolescentes vivendo com HIV/Aids acerca dos sentimentos que os acompanham como o medo, a revolta, a rejeição e a vergonha, causando, muitas vezes, o constrangimento de revelar a sua condição e de ser quem é. Parece uma espécie de aprisionamento que o obriga a manter um segredo sobre si.

5.2- Observações sobre o movimento da palavra e as invenções dos adolescentes na mesa artística

No exercício de analisar e refletir os fragmentos descritos acima, muitas questões surgiram e nortearam todo o trabalho de campo. Dentre elas, a conexão entre a arte e a saúde, o que a arte pode provocar no adolescente? Como que o fazer arte se conecta com as palavras, os gestos e as experiências? De que maneira a experiência do sujeito aparece na experimentação artística? Percebe-se que este trabalho trouxe alguns elementos e muitas destas provocações merecem um maior aprofundamento e continuidade das discussões.

A participação da pesquisadora nos diversos encontros é que possibilitou inserir e apreender sobre a dinâmica do Projeto “Arte na Espera”.

Nesse processo, pode-se constatar a diversidade de trajetórias de vida dos adolescentes e as práticas desenvolvidas pela equipe do Projeto no entrelaçamento da arte e da saúde no atendimento.

Percebe-se que o Arte na Espera se compõe em uma multiplicidade de significados para os adolescentes. Cada um experimenta a arte ao seu modo e no conjunto, diversos interesses agregam os adolescentes no Projeto.

Para alguns participantes, o Arte na Espera é considerado como referência de espaço social e também de vivências culturais. A prática coletiva com arte possibilita ao jovem o contato aos bens materiais e simbólicos da cultura, que para muitos aparece como novidade uma vez que não encontra acesso à produção cultural nos territórios onde moram. Muitas vezes ocorriam relatos dos adolescentes sobre o gosto por música, filme, livro, pintura e até mesmo a presença em alguma atividade cultural na cidade.

No campo, foi possível identificar algumas dimensões presentes na equipe de saúde no trato com os adolescentes e que servem de orientação as ações do Projeto, como a escuta, o diálogo, o acolhimento e a participação.

O Projeto funciona para a maioria dos adolescentes, como um espaço em que se sentem à vontade para conversar, contar de si, partilhar sobre as dúvidas nos cuidados de saúde e outros assuntos de interesse. De modo que através da arte e das palavras ou a ausência delas, o Projeto passa a ser um lugar revelador das alegrias e tristezas, dos conflitos familiares, das dificuldades no convívio com a doença crônica, da administração e dos efeitos dos medicamentos, dos estigmas e dos preconceitos, além de outros impasses que a adolescência traz.

A convivência contínua entre os participantes nos grupos revela o Projeto como o espaço de socialização na promoção do encontro de adolescentes, possibilitando o surgimento de laços de amizade. Nesta dinâmica interativa, o diálogo se estabelece e revela os gostos, as opiniões, os desejos, as preferências, as histórias, os sonhos, os medos e as afinidades.

Ressalta-se que a conversa entre os adolescentes tem se tornado essencial na metodologia desse trabalho, pois possibilita identificar-se com a vida de outros no grupo, podendo tomar para si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser.

No fazer, qualquer tipo de produção artística pode servir de suporte para o adolescente se expressar ao transformar o material em uma outra coisa, abre-se, assim, “o tempo de um espaço a ser compreendido de outra maneira, à luz de um ‘sim’ referido à sua tomada da palavra, à sua parte de exceção, à sua enunciação sempre incomparável” (LACADÉE, 2011, p.23).

O próprio ato de criar da experimentação artística é ato criador, endereçado à subjetividade, evocando as vivências do sujeito e incitando à sua maneira a colocação das palavras pronunciadas ou silenciadas no grupo.

Como desdobramento, cria-se a dimensão do vivido no falar e no fazer artístico, revelando o potencial criativo, crítico e imaginativo do adolescente, bem como o aparecimento da experiência como uma produção de si.

Nesse conjunto de observações, nota-se que o Projeto constrói uma abordagem de saúde alinhada aos saberes dos sujeitos, dialogando com os interesses e as diferenças entre eles, entre os temas e os conceitos, abrindo-se assim, para a diversidade dos modos de ser adolescente.

Outro ponto interessante é a utilização de diferentes linguagens artísticas, envolvendo a pintura, a colagem, o desenho, a música, a costura, o teatro, o cinema, a dança, a fotografia,

a poesia e outras que buscam a inspiração dos adolescentes a descoberta de si e de novas potencialidades, estimulando-os a se engajarem nas propostas de atividades para os encontros seguintes.

Na convergência entre arte e saúde, as atividades dos adolescentes misturavam-se às experiências e as vivências do seu cotidiano. Nos encontros com os grupos testemunham-se traços, rabiscos, desenhos, letras, frases, atitudes que vão se amalgamando pela vivência e incitam a criação de novas práticas artísticas de atendimento na saúde.

6 Considerações Finais

A realização deste Projeto no ambulatório tem permitido que jovens esperem a consulta médica sejam acolhidos na sua singularidade com um convite a experimentar a arte e conversar em grupo.

Unir as experiências de vida às palavras preserva a singularidade de cada adolescente na sua construção discursiva e apareceu como um produto da interação artística no Arte na Espera.

A intervenção artística funciona como uma linha condutora e de suporte clínico aos adolescentes que apresentam questões nesse tempo delicado de transição e em alguns casos, com doença crônica e que apresentam baixa adesão ao tratamento médico.

A composição artística do adolescente no grupo traz em si a criação pelas marcas pessoais. O adolescente é o sujeito de seu próprio discurso e torna visível a sua experiência pela arte carregada de percepções, pensamentos e narrativas. Esta prática vivencial pode fortalecer o exercício da palavra e a dimensão simbólica no grupo, produzindo novos sentidos no ato de fazer e de dizer de si.

A palavra ganha vida na narrativa do adolescente. No tempo próprio de cada um, a palavra é dita, ouvida, falada e silenciada, através das memórias e dos sentimentos, refletindo sobre o que advêm da própria história. Permitindo, assim, trazer para perto a vivência de si e a do outro, e fazer da vida novas construções em um espaço artístico que reconhece, respeita e valoriza as semelhanças e as diferenças dos modos de viver.

O tempo da Espera inaugura o tempo da Arte aberto aos adolescentes a se expressarem, observarem, construir novos vínculos, interagirem com outros jovens e trocarem experiências sobre adolescer e os cuidados de saúde.

Os encontros guardam em si algo surpreendente no processo de criação e reinvenção das práticas de autonomia dos sujeitos e têm se tornado uma alternativa no cuidado de saúde do adolescente.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Educação e Desenvolvimento Cultural e Artístico. *Revista Educação e Realidade*. 1995. p. 9-17. Jul/dez. Disponível em: < <http://file:///C:/Users/pr105658/Downloads/71713-297539-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

_____. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Tradução de João Wanderley Geraldi. 20 Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 18 out. 2018.

BONETTI, Alinne; FLEISHER, Soraya (org). *Entre Saias justas e Jogos de Cintura*. Santa Cruz do Sul: Ed. Mulheres, EDUNISC, 2007.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal n. 8.069, 13 jul, 1990. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul 1990.

BRASIL. *Estatuto da Juventude*. Lei Federal n. 12.852, 5 ago, 2013. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 18 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Recomendações para Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids*. Brasília, 2013. 116 p.

COLEGAS. Direção: Marcelo Galvão. Brasil. Europa Filmes, 2013. 1 DVD (94 min).

CUNHA, Cristiane de Freitas. *A janela da escuta: relato de uma experiência clínica*. Belo Horizonte: Scriptum; 2014.

CUNHA, Cristiane de Freitas. A janela e a cidade- Clínica contra Segregação. In: V CONGRESSO DE CIUDADES CREATIVAS ASOCIACION DE COMUNICACION E NUEVAS TECNOLOGIAS, 2017, Madrid. Espanha. Disponível em: <<https://site.medicina.ufmg.br/observaped/wp-content/uploads/sites/37/2017/01/a-janela-e-a-cidade-observaped-30-01-2017.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

CUNHA, Cristiane de Freitas *et al.* Arte na espera: tecendo uma rede de acolhimento para o adolescente e para a família. *Revista Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v.12, supl.1, p. 44-51, mar 2015.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n 24, Set /Out /Nov /Dez 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

FERREIRA, Roberto Assis. Adolescência, o que é? Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. *Almanaque on-line nº17*. Disponível em: <<http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2016/07/12-Roberto-Assis-Ferreira.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2018.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tad. Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUIMARÃES, Patrícia Regina *et al.* Experiências com grupo de adolescentes vivendo com HIV/AIDS em um centro de referência. *Rev Med Minas Gerais*; 26(8): 180-184, 2017.

GUIMARÃES, Patrícia Regina. *Adolescentes vivendo com HIV/aids: impasses no tratamento*. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GURSKI, Roselene; VASQUEZ, Carla; MOSCHEN, Simone. Psicanálise, educação e cinema: diálogos possíveis. *Estilos clin.*, São Paulo , v. 18, n. 2, p. 234-250, ago. 2013 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 mar. 2018.

LACADÉE, Phillipe. *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LE BRETON, David. *Uma breve história da adolescência*. Tradutores: Andrea Maris Campo Guerra *et al.* Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2017.

ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. Problemas de salud de la adolescencia: informe de un comité de expertos de la OMS. Ginebra, 1965. 30p. (Serie de informes técnicos, n. 308).

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaina; SOUZA, Angela Maria Alves; VIEIRA, Neiva Franciely Cunha. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *R Enferm UERJ*, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

STEVENS, Alexandre. *Adolescência como sintoma da puberdade*. Clínica do contemporâneo. Curinga, Belo Horizonte, n.20, p.27-39, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Adherence to long-term therapies: evidence for action. Ginebra, 2003. 198p. Disponível em: <http://www.who.int/chp/knowledge/publications/adherence_report/en/#>. Acesso em: 31 jan. 2018.